

ratos

GORDON REECE

ratos

TRADUÇÃO DE
Carolina Caires Coelho



Copyright © 2010 Gordon Reece

TÍTULO ORIGINAL

Mice

PREPARAÇÃO

Elisa Nogueira

REVISÃO

Fatima Amendoeira Maciel

Umberto Figueiredo Pinto

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

R254r

Reece, Gordon

Ratos / Gordon Reece ; tradução de Carolina
Caires Coelho. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2011.

240p. : 23 cm

Tradução de: Mice

ISBN 978-85-8057-070-0

1. Assertividade (Psicologia) – Ficção. 2. Conduta
– Ficção. 3. Ficção inglesa. I. Coelho, Carolina Caires.
II. Título.

11-4329.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Joanna

MINHA MÃE E EU vivíamos em um chalé a cerca de meia hora da cidade.

Não foi fácil encontrar uma casa que satisfizesse todas as nossas exigências: no campo, sem vizinhos, três quartos, jardins na frente e atrás. Uma propriedade que fosse antiga (ela precisava ter “personalidade”), mas que ao mesmo tempo tivesse todas as comodidades — um sistema moderno de aquecimento central era essencial, pois detestávamos sentir frio. Deveria ser silenciosa. Deveria oferecer privacidade. Afinal, éramos ratos. Não procurávamos um lar. Procurávamos um lugar onde pudéssemos nos esconder.

Visitamos um grande número de imóveis com o corretor, mas, quando podíamos ver o telhado de uma casa vizinha por entre as árvores ou ouvir o barulho do trânsito a distância, trocávamos um olhar sutil que descartava aquela possibilidade. Seguíamos com a visita, é claro, escutando pacientemente enquanto o óbvio era explicado: *Esse é o quarto principal; esse é outro quarto; esse é o banheiro*. Acreditávamos que seria rude interromper a visita quando o corretor nos levara tão longe da cidade, e as chances de minha mãe se impor diante do convencido jovem com cabelos cheios de gel e um telefone celular que não parava de tocar (*Já vimos o suficiente, obrigada, Darren. Não estamos*

interessadas.) eram as mesmas de ir até a lua. Ratos nunca são mal-educados. Ratos nunca são assertivos. E, assim, passamos muitos sábados visitando casas nas quais não tínhamos qualquer interesse.

Finalmente, porém, fomos levadas ao Chalé Madressilva.

Não era a casa mais bonita que tínhamos visitado — com uma fachada de tijolinhos marrons, janelas pequenas, telhas de ardósia cinza e chaminés com manchas de fuligem, a residência tinha mais jeito de “cidade” que de “campo”. Mas *era* perfeitamente afastada. Cercada por todos os lados por hectares de terra, o vizinho mais próximo ficava a quase um quilômetro. Só era possível chegar até o chalé por uma estrada tortuosa e estreita, que permitia a passagem de apenas um carro por vez e serpenteava até o enorme jardim. Com curvas fechadas e margeado por uma vegetação alta que obstruía a visão, o caminho mais parecia um labirinto que uma estrada pública. Pela primeira vez, não foi difícil acreditar em Darren quando ele disse que poucos motoristas se aventuravam por ali, temendo ficar presos atrás das lentas máquinas agrícolas. A estrada comprida e ladeada por árvores que vencemos para chegar à casa, com seus buracos e ondulações, apenas aumentava a impressão de que o Chalé Madressilva ficava longe demais da rodovia principal para que as duras realidades do mundo nos encontrassem.

Era também maravilhosamente silencioso. Quando saímos do 4x4 de Darren em um dia úmido do início de janeiro, o silêncio foi a primeira coisa que notei. Estava ali quando os pássaros nas árvores acima de nós pararam de gorjear e Darren cessou momentaneamente seu incansável discurso de vendas (*Adoro essa casa. É verdade! Eu me mudaria para cá amanhã, se pudesse*); estava ali, o som mais maravilhoso que existe: a total *ausência* de som.

Os proprietários, Sr. e Sra. Jenkins, eram um casal de idosos. Eles nos receberam à porta, com seus cabelos grisalhos e bochechas vermelhas, segurando suas canecas de chá encostadas aos grossos casacos de lã e rindo sem que ninguém houvesse dito nada particularmente engraçado. O Sr. Jenkins explicou que eles voltariam a morar na cidade em decorrência da saúde da Sra. Jenkins — “coração fraco”, como disse ele —, pois não queriam estar ali, “no meio do mato”, se algo errado acontecesse. Estavam muito tristes por precisarem partir, segundo ele afirmou, e nos garantiram que passaram ali trinta e cinco anos maravilhosos. *Sim, trinta e cinco anos maravilhosos*, repetiu a Sra. Jenkins, como uma mulher acostumada a ser pouco mais que um obediente eco do marido.

Eles nos acompanharam na típica e desconfortável visita a uma nova casa: gente demais tentando se espremer para caber nos corredores estreitos e nos cômodos, além da confusão diante de todas as portas (*primeiro você; não, primeiro você*). Enquanto passávamos de um cômodo a outro, eu sentia o olhar do Sr. Jenkins voltar a mim repetidas vezes, tentando entender como uma tímida garota de classe média poderia ter aquelas cicatrizes horríveis no rosto. Fiquei aliviada quando eles nos levaram pela cozinha até o jardim dos fundos, pois pude me manter um pouco mais para trás e evitar aqueles curiosos olhos azuis.

O Sr. Jenkins era um excelente jardineiro e estava determinado a garantir que soubéssemos disso. Caminhamos atrás dele pelo jardim enquanto ele exibia as árvores frutíferas, a horta e os dois celeiros, que eram os mais limpos e organizados que eu já havia visto — cada ferramenta estava em seu gancho, e até mesmo as luvas de jardinagem tinham seus próprios pregos, marcados com os nomes *Jerry* e *Sue*. Ele nos mostrou o adubo fedido que produzia, exclamando vaidoso: “Aqui está: meu orgulho e minha alegria!”, e nos levou até a fileira de ciprestes que plantou quando eles chegaram ali. As árvores tinham mais de dez metros de altura e, enquanto ele falava sobre a beleza dos troncos, olhei atentamente através da vasta folhagem. Além dela, havia somente a terra marrom das fazendas vizinhas, estendendo-se por uma grande distância.

O Sr. Jenkins era especialmente vaidoso de seu jardim da frente. O amplo gramado, perfeitamente aparado, era cercado por diversas espécies de plantas e arbustos que ainda mostravam cores vivas aqui e ali, apesar de ser inverno.

— É importante ter plantas que florescem no clima frio e muitas sempre-vivas — disse ele à minha mãe. — Caso contrário, perde-se toda a cor durante o inverno.

Mamãe, tentando mudar de assunto, disse não entender muito sobre jardinagem, mas o Sr. Jenkins viu o comentário como uma oportunidade para reparar essa falha, e deu início a uma longa palestra sobre os diferentes tipos de solo.

— Esse — disse ele — é um solo arenoso. É um pouco seco, um pouco *faminto*. Precisa de muito adubo, fertilizante, turfa...

Afastei-me, incapaz de continuar escutando-o tagarelar sem parar.

— Folhas... fertilizante artificial... extrato de pedra calcária.

Pensei tê-lo ouvido dizer “sangue seco” em determinado momento, mas decidi que ouvira mal.

Continuei caminhando, enquanto a voz irritante se tornava um fraco murmúrio atrás de mim, até que meu trajeto foi bloqueado por um canteiro de rosas grande e oval no centro do gramado. As flores haviam sido arrancadas sem delicadeza, e as roseiras pareciam erguer seus caules amputados para o céu em protesto. O canteiro tinha aspecto de abandonado. Boa parte da terra estava remexida, e aquilo me lembrou uma cova recém-aberta.

Observando os outros arbustos e plantas no jardim, percebi que não sabia o nome de quase nada. Se eu quisesse mesmo ser uma escritora, certamente precisaria resolver aquilo. Escritores sempre sabem os nomes das flores e das árvores; isso faz com que pareçam mais confiáveis, mais oniscientes. Decidi que a primeira coisa que faria quando nos mudássemos (pelo olhar sonhador no rosto de mamãe, soube que aquela seria nossa nova casa) seria aprender os nomes de todas as flores e árvores do jardim — seus nomes comuns *e* em latim.

Quando voltei para perto de mamãe, o Sr. Jenkins não pôde mais controlar sua curiosidade:

— E o que aconteceu com você, minha querida? — perguntou ele, indicando, com um movimento vago das mãos, minhas cicatrizes.

Mamãe instintivamente me puxou para perto dela e respondeu por mim:

— Shelley sofreu um acidente. Um acidente na escola.

MINHA MÃE COMPROU o Chalé Madressilva com o dinheiro que recebeu após o divórcio. Uma mixaria. Meu pai — um advogado de família, acredite se quiser — trocou minha mãe e eu, há um ano e meio, por sua secretária, uma mulher com inacreditáveis trinta anos a menos, jeito de boneca *sexy* e decote sempre profundo. (Ela era só dez anos mais velha que eu! E eu ainda deveria vê-la como minha “*nova mãe*”?) Os aspectos do divórcio relativos às finanças e à minha custódia se arrastaram por quase um ano. Meu pai disputava com minha mãe como se ela sempre tivesse sido sua pior inimiga, e não sua esposa por dezoito anos, e tentou tirar tudo que ela possuía — inclusive eu.

Mamãe engoliu muitas coisas — ela abriu mão de seu direito a uma parte dos rendimentos de meu pai e de uma pensão, e até devolveu alguns dos presentes que ele lhe dera durante o casamento, como ele exigiu tão petulantemente —, mas se recusou a se separar de mim. O juiz declarou que, por ser uma garota de catorze anos “*excepcionalmente inteligente*”, eu tinha capacidade de decidir sozinha com quem preferia morar. Como eu desejava desesperadamente viver com minha mãe, o pedido de guarda de papai foi

finalmente recusado. Quando ele percebeu que não poderia punir minha mãe pelos anos de dedicação afastando-me dela, mudou-se para a Espanha com “Zoe”. Apesar de, aparentemente, me amar tanto a ponto de exigir que eu morasse com ele, meu pai partiu sem sequer dizer adeus e eu nunca mais tive notícias.

TODA A PAPELADA PARA A COMPRA da casa foi resolvida com uma rapidez incomum, e nos mudamos para o Chalé Madressilva em menos de um mês, no final de janeiro. Era um daqueles estranhos dias de inverno no hemisfério norte, em que o céu fica cheio de nuvens escuras e carregadas em um momento e, no outro, o sol brilha firmemente, como se a primavera chegasse mais cedo, apenas para ser afastada novamente por mais nuvens macabras, que trazem um vento terrível e gotas de chuva gelada.

Os homens que fizeram a mudança, mascando chiclete e exalando um forte odor corporal, caminhavam para dentro e para fora da casa com botas cheias de lama, sugerindo em alto e bom som que o trabalho os deixava com muita sede e que seriam capazes “de matar por uma xícara de chá”. Minha mãe, obedientemente, levou para eles xícaras de chá com leite, em uma bandeja, e adicionou três ou quatro torrões de açúcar em cada uma, conforme instruíram, e então eles se sentaram na calçada, bebendo e fumando, recostados nas caixas que deveriam estar carregando. Um deles viu minha mãe reparar num feio arranhão que surgiu na lateral do piano e explicou-se grosseiramente:

— Não fizemos isso, querida. Já estava assim.

Ela voltou rapidamente para dentro de casa (*ratos têm pavor de confrontos*), e todos riram.

Eles a pressionaram para que pagasse em dinheiro — incluindo a meia hora que gastaram bebendo chá e imitando o sotaque “chique” dela — e, finalmente, foram embora, deixando pontas de cigarro jogadas entre as flores.

NÃO ME ARREPENDEI de trocar a luxuosa casa na cidade, onde morei por quase toda a minha vida, pelo modesto conforto do Chalé Madressilva. A casa na cidade deixara de ser meu lar quando as negociações relativas ao divórcio começaram; então, ela se tornou a *propriedade matrimonial* — uma peça valiosa, capaz de fazer os advogados tramarem como se fossem dois habilidosos jogadores de xadrez. Uma *propriedade matrimonial* nunca pode ser um lar feliz.

Havia muitas lembranças ali — boas e ruins. Eu não saberia dizer quais eram mais dolorosas: meu pai fantasiado de Papai Noel quando eu tinha sete anos, entregando-me um pequeno hamster de pelos dourados, que tremia em suas mãos, cuidadosamente unidas em concha; meu pai, perigosamente bêbado, chutando a porta da frente, sete anos depois, porque era sua vez de “ficar” comigo no final de semana e eu me recusava a ir com ele; a festa de quinze anos de casados de meus pais, quando eles dançaram de rosto colado, na sala, diante de todos os amigos ao som de “Wonderful Tonight”, de Eric Clapton; três anos depois, meu pai empurrando minha mãe com tamanha ira que fez com que ela caísse no chão e quebrasse um dos dedos. *Tudo naquela mesma sala...*

Havia outro motivo pelo qual eu estava aliviada de deixar a *propriedade matrimonial*, uma razão que eu relutava em admitir até para mim mesma. Era a tentação de continuar amando meu pai. Apesar da forma desprezível como ele nos tratou e de meus esforços para pensar nele como a pior pessoa possível, ainda era difícil romper o laço de sangue. Em todos os lugares havia lembranças de seu outro lado, da gentileza da qual ele era capaz e do quanto nos divertíamos juntos. Havia a casinha na árvore que ele construiu para mim quando eu tinha seis ou sete anos, as belas prateleiras que instalou em meu quarto antes do ensino médio, e a coleção de clássicos infantis encadernados em couro que comprou para mim em Londres (foi meu pai quem me incentivou a ser uma escritora, foi *ele* quem plantou essa semente). Na garagem, onde ele costumava se exercitar — e onde ainda podia sentir um fraco cheiro de seu suor —, havia um velho alvo no qual brincávamos de acertar dardos, rindo histericamente.

Porém, a lembrança mais forte de meu pai talvez viesse sempre que eu me olhava no espelho e via seus olhos castanhos me encararem. Nunca fui tão próxima de meu pai quanto de minha mãe, mas, quando vivíamos momentos felizes, quando eu era pequena e ele me levantava contra os raios de sol como se tentasse ver através de mim, esses momentos com ele eram, de certa forma, *muito melhores*.

Guardei esse segredo de minha mãe, é claro, pois isso a deixaria magoada. Contudo, enquanto permanecemos na *propriedade matrimonial*, a terrível tentação persistiu e, se minha mãe e eu discutíssemos por qualquer motivo, esse sentimento subitamente crescia. Com a mudança, eu esperava que essa emoção invasora como um cavalo de Troia perdesse a força e, por fim, sumisse completamente.

• • •

O CHALÉ MADRESSILVA significou um recomeço. Eu adorava a cozinha, com os armários antigos, o piso terracota e a mesa de pinho escovado — o cômodo estava sempre quente e confortável, independentemente de quanto o clima fosse ruim; fazíamos então todas as refeições ali. Eu adorava a maneira como a sala de estar se unia à sala de jantar, sem uma parede para dividi-las, de forma que, mesmo em atividades diferentes, eu sempre sentia que minha mãe estava por perto. Eu adorava a lareira com acabamento de pedra calcária, a prateleira de carvalho polido acima dela e os pequenos losangos das janelas em estilo Tudor. Eu adorava a desgastada escada de madeira, cujo quarto degrau fazia sempre um barulho alto, não importava como pisássemos. Eu adorava meu quarto, com as vigas de madeira do teto expostas e um banco construído junto à janela, onde eu podia ler por horas a fio aproveitando a luminosidade mais pura e mais clara que já conheci. Eu adorava abrir as cortinas pela manhã e ver o recorte formado pelos campos arados em vez das idênticas casas de tijolos vermelhos nos bairros mais caros, todas com uma BMW ou uma Mercedes na frente. Principalmente, eu gostava de levar uma cadeira para o jardim dos fundos, sentar-me e observar as nuvens em sua lenta transformação, parecendo cera colorida em uma daquelas luminárias de lava.

Fitando o céu, eu gostava de imaginar que vivia em uma época mais simples e inocente — de preferência antes de surgirem os seres humanos, quando a Terra era um vasto paraíso verde e quando a crueldade de ferir apenas por puro prazer era completamente desconhecida.

